

Os beija-flores e as folhas vermelhas

Normalmente, os beija-flores procuram flores vermelhas ou amarelas – de cores fortes, enfim. Mas nem sempre é assim. Uma equipe de biólogos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) descobriu que uma espécie de bromélia de flores branco-amareladas, encontrada na Mata Atlântica do litoral paulista, é visitada por beija-flores, que atuam como polinizadores, levando o pólen de uma planta a outra e, assim, viabilizando a fertilização. “Como as flores são

pouco chamativas, são as pontas das folhas que ficam vermelhas quando a planta começa a florescer e atraem os polinizadores”, conta Maria Bernadete Ferreira Canela, responsável pelo estudo coordenado por Marlies Sazima e publicado no *Annals of Botany*. Mas não é só a planta que depende de várias espécies de beija-flores, com destaque ao *Thalurania glaucopis* e ao *Ramphodon naevius*, os mais assíduos frequentadores das flores dessa espécie de bromélia. Em seu levantamen-

to de campo, realizado no Parque Estadual da Serra do Mar, no município de Ubatuba, Maria Bernadete verificou que a visitação dos beija-flores acompanha a produção de néctar, mais abundante e doce pela manhã, a partir das 6 horas, caindo ao longo do dia, quando o interesse das aves também é menor. “O beija-flor também depende da planta”, diz ela. Em cada inflorescência, de uma a 15 flores da *Aechmea pectinata* abrem-se a cada dia, por um período de 20 a 25 dias. •

■ Fêmeas de muriquis param de migrar

As fêmeas de muriquis (*Brachyteles arachnoides hypoxanthus*) deixam o grupo em que nasceram quando chegam à idade reprodutiva: é uma forma de evitar cruzamentos com o pai ou irmãos, a chamada endogamia, que amplia o risco de formação de filhotes com baixa variabilidade genética. No entanto, Bárbara, uma das fêmeas de um grupo de muriquis da Estação Biológica de Caratinga, em Minas Gerais, resolveu permanecer entre aqueles com quem sempre conviveu. Só por causa disso foi possível



MARIA BERNADETE FERREIRA CANELA/UNICAMP



Dependência recíproca: a bromélia com folhas vermelhas (ao lado) e um *Ramphodon naevius*

determinar o início da maturidade sexual de Bárbara, que engravidou aos 7,2 anos, após copular pela primeira vez aos 5,5 anos, de acordo com um estudo realizado por Waldney Martins, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Karen Strier, da Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, e publicado na *Primates*. Segundo Martins, como sempre havia fêmeas novas entrando e saindo do grupo, não era possível saber, com precisão, o início da idade reprodutiva das fêmeas dos miquis – algo importante para planejar as estratégias de conservação dessa espécie, ameaçada de extinção. Mas, para o pesquisador, o fato de Bárbara e de sua irmã mais velha, Bruna, terem permanecido no grupo, embora outras irmãs tenham migrado, é preocupante: “A mata pode ter atingindo sua capacidade de suporte, tornando-se pequena para a quantidade de animais, ou o grau de parentesco entre os grupos já é tão grande que não faz mais diferença entre migrar ou permanecer no grupo natal”. Desde que os miquis de Caratinga começaram a ser acompanhados, há 20 anos, é a primeira vez que convivem a mãe, suas duas filhas e netos no mesmo grupo. Tornou-se mais provável o risco de cruzamentos entre familiares. •

■ Esquistossomose em Belo Horizonte

Em abril de 2002, 24 moradores de um bairro de classe média da capital mineira experimentaram as consequências da crença de que tudo o que é natural é inofensivo. Dias após passar um final de semana em uma pousada do município de Ibirité, na região metropolitana de Belo



WALDNEY MARTINS/UFMG

Muriqui de Caratinga: risco de cruzamento entre familiares

Horizonte, pelo menos 17 deles apresentaram sintomas semelhantes ao de uma gripe – febre, dor de cabeça, náuseas e tosse seca. Todos tinham tomado banho na piscina da pousada, abastecida com as águas de um córrego próximo. Os turistas passaram por pelo menos dois médicos antes de saberem que estavam com esquistossomose, causada pelo verme *Schistosoma mansoni*. A origem do surto só se tornou clara depois de uma equipe do Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em Minas Gerais, coordenada por Virgínia Schall, visitar a pousada. A cerca de 300 metros da piscina, havia um riacho com caramujos da es-

pécie *Biomphalaria glabrata*, alguns deles contaminados com o *S. mansoni*, que libera na água larvas capazes de infectar o ser humano. Mais tarde, viu-se que o riacho recebia o esgoto da casa de uma família que não apresentava sinais de esquistossomose, embora estivesse contaminada. Do riacho, a água seguia até o córrego que abastecia a piscina. “Como as pessoas infectadas eram de classe média, os médicos não pensaram na possibilidade de elas terem uma verminose”, diz Virgínia, que relatou o surto num artigo publicado na revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. A orientação dos pesquisadores permitiu ao proprietário da pousada



MIGUEL BOYAVAN

Cães com perda de peso e de apetite: sinais de infecção por *Hepatozoon*

eliminar o risco de contaminação da água da piscina, mas permanece a necessidade de uma vigilância acirrada contra a esquistossomose, encontrada em 519 dos 853 municípios mineiros. •

■ Protozoário emergente

Um parasita está preocupando os veterinários de Brasília. É o protozoário do gênero *Hepatozoon*, transmitido por carrapatos como o *Amblyomma maculatum*, que infecta animais de qualquer raça – e mesmo os sem-raça. Uma equipe da Universidade de Brasília (UnB) coordenada por Giane Regina Paludo examinou 30 cães infectados para conhecer os sinais clínicos dessa enfermidade. Os animais apresentavam perda de peso e de apetite, mucosas pálidas e anemia, com uma baixa taxa de infecção no sangue (próxima a 1%), de acordo com esse estudo, publicado na *Veterinary Parasitology*. “Na maioria dos casos houve uma infecção com sinais clínicos leves e não específicos”, comenta Giane, “mas podem ocorrer casos mais graves, com dores musculares extremas e emagrecimento progressivo, quando os animais não respondem mais a nenhum tratamento.” Segundo ela, trata-se de uma doença emergente no país, eventualmente causada por uma nova espécie desse protozoário, ainda por ser devidamente caracterizada. A possibilidade de infecção humana é remota, porque o carrapato tem de ser engolido – o protozoário chega à circulação sanguínea por meio do aparelho digestivo –, como acontece quando um cão procura se livrar dos parasitas. •